

ENCARNANDO O CICLONE: NICK LAND E A PERSPECTIVA DO TECNOCAPITAL (= IA).

Clarice Pelotas Rios Arraes Aguiar¹

Resumo

Este ensaio apresenta uma possível nova leitura do projeto de Nick Land e da CCRU, utilizando de um leque de referências amplo dentro da disputa cosmopolítica, demonstrando as afinidades possíveis entre o projeto landiano e a posição perspectivista de Eduardo Batalha Viveiros de Castro a partir da crítica a metafísica ocidental e das afiliações ao xamanismo presentes na obra de ambos os autores.

Palavras-chave: CCRU. Nick Land. Perspectivismo. Xamanismo, Hiperstição.

Abstract

This essay presents a possible new interpretation of Nick Land's and CCRU's project, drawing on a variety of sources from the cosmopolitical debate. It explores the potential connections between Land's project and the perspectivist stance of Eduardo Viveiros de Castro, focusing on their critique of Western metaphysics and their respective affiliations with shamanism.

Keywords: CCRU. Nick Land. Perspectivism. Shamanism. Hyperstition.

¹ Clarice Pelotas Rios é graduanda em filosofia pela Universidade de Brasília, estudante em filosofia crítica no New Centre for Research and Practice e tradutora. Pesquisa economia libidinal, aceleracionismos e teoria queer.

Em algum ponto entre o apagar das luzes do século XX e o começo do século XXI, na cidade de Warwick, no Reino Unido, uma cena era relativamente comum: um homem alto, aparentando estar insone há dias, morando no próprio escritório, conversando com ex-alunos sobre uma espécie de experimento/pesquisa que empreendia, o qual parecia exigir uma dedicação total de seus esforços físicos e mentais:

"Estamos preocupados com você, nós nos importamos.', mas você não poderia dizer algo assim. Ele só responderia algo do tipo, 'Não precisam se preocupar, a Entidade tem algo que ela quer que eu faça.'" (Kronic, 2019) (Tradução própria)

Uma "integridade irresponsável" (Kronic, 2012) que o levaria a um colapso pouco tempo depois.

*

Relatos assim constroem um mito, a imagem de um autor recluso, críptico, louco... uma fama que não mudou muito ao longo dos anos. O resgate da obra de Nick Land, a partir da publicação de *Fanged Noumena* – uma coletânea de textos organizada por ex-colaboradores dos tempos em que fez parte da Unidade de Pesquisa da Cultura Cibernética, a CCRU – que compila vinte anos de sua produção, em 2011, fez com que o autor saísse das sombras para alcançar o debate público.

Sua recente aproximação com a extrema-direita, o Iluminismo das Trevas e o fenômeno das criptomoedas colocaram mais nuances sob sua figura. Pai dos aceleracionismos, em sua constelação infindável de posições, Land nunca foi um sujeito bem aceito onde passou, representante maior de uma trupe de "acadêmicos defeituosos" (Reynolds, 1998). O projeto que Land partilhava

com a CCRU, de esquizofrenizar as fronteiras entre filosofia, antropologia, ocultismo, numerologia e inteligência artificial sempre encontrou resistência por parte da Universidade de Warwick.

"A CCRU não existe, nunca existiu e nunca existirá."
(CCRU, 2015) teria dito o reitor.

O objetivo deste ensaio é destrinchar o projeto/experimento/pesquisa de Nick Land e suas consequências através de um movimento antropofágico, de absorção e dissolução no processo. Mapear suas influências, seus desenvolvimentos, sua perspectiva. Transando o experimento landiano com xamanismo e perspectivismo, mostrando as afinidades entre o pensamento ameríndio e elementos consideráveis da crítica á metafísica ocidental que estrutura o pensamento de Land, o artigo pretende demonstrar o surgimento de alianças improváveis em certos lugares da disputa cosmopolítica.

1. Uma frente ampla cosmopolítica: o perspectivismo de Nick Land.

Entropia é o conceito da termodinâmica que mede o grau de desordem de um sistema físico: nomadismo, caos, aquilo que foge à homeostase. A razão, a partir da qual se estrutura o conceito de Humano, por via de uma série de exclusões, busca sempre se afastar de e domar tal tendência, a razão humana tudo quer conhecer, tudo quer legislar e submete tudo que há no mundo ao seu crivo. Pensemos no que diz Eduardo Viveiros de Castro sobre o processo de lidar com os chamados Outros no pensamento eurocêntrico:

“Nenhuma história, nenhuma sociologia consegue disfarçar o paternalismo complacente dessa tese, que reduz os assim chamados ‘outros’ a ficções da imaginação ocidental sem qualquer voz no capítulo. (...) **À força de ver sempre o Mesmo no Outro – de dizer que sob a máscara do outro somos ‘nós’ que estamos olhando para nós mesmos –, acabamos por tomar o atalho que nos leva ao que realmente, no fim e no fundo, nos interessa, a saber: nós mesmos.**” (Viveiros de Castro, 2015, p. 13) (Grifos próprios)

A crítica à máquina de produção de alteridade – “aquilo que tem por necessidade ser o mesmo no outro para que apareça a nós” (Land, 2011) –, gerada pelo pensamento filosófico ocidental, é onde fundam-se as bases do experimento landiano. Não simplesmente dar voz ao Grande Fora, permitir que os Outros falem, de modo complacente e benévolo, a partir de uma posição privilegiada de observação, mas empenhar-se no experimento de acessar este Fora, encarnar este Outro: “conhecer é ‘personificar’, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido.” (Ibid., 2015, p. 31)

Mas qual é, exatamente, o “objeto” (ou melhor, a Entidade, como será chamada a partir de agora) que Land busca personificar? E por que a necessidade de personificá-la? Para chegar a uma resposta satisfatória se faz necessária uma análise mais aprofundada de certas posições que aparecem marcadamente na primeira fase da obra landiana, especialmente de sua crítica à razão europeia, que se confunde com sua crítica anticolonial.

1.1. A crítica da modernidade e o númeno: a história da filosofia segundo Nick Land.

O principal alvo é Kant que, em Land, assume a forma da boca falante do processo imperialista e neocolonial, um tipo de nêmesis teórico do qual não se pode escapar tão facilmente, o kantianismo como teoria da modernidade. O Kant da crítica landiana estrutura toda sua teoria no medo e ódio à alteridade e à entropia, o objetivo é que a razão consiga dominar tudo que há e tornar tudo inteligível, que tudo esteja à mão no universo a ela e somente a ela. O próprio Fora deve tornar-se reconhecível e, para isso, tornar-se sempre o Mesmo.

“Onde os códigos morais judaicos, cristãos e islâmicos servem como legitimações de projetos imperiais em seus períodos de ascendência, a moralidade kantiana é, inversamente, legitimada pela posição da jurisdição imperialista ou universal.” (Ibid., 2011, p. 73-74) (Tradução própria)

Em *Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*, primeiro livro publicado por Land em 1992, o império da razão aparece como uma espécie de ilha-fortaleza em guerra permanente contra o mar, um paredão, construído como monumento ao medo desse grande desconhecido. O humano pertence à terra sólida e fértil para produção, com seus valores, sua gente, suas territorialidades, a razão não pode organizar ou legislar sobre um imenso não-terreno instável como o mar, mesmo com suas armadas, marinhas, navios negreiros, sempre há uma incerteza probabilística que aos olhos da humanidade é entropia: tsunamis, ciclones, tubarões, sereias... mas, como veremos, o medo do mar é também uma inibição das forças terrestres.

Em seus esforços, Kant chega ao fenômeno, aquilo que está apto a ser conhecido pela cognição e sentidos humanos, para além dele está o númeno ou as “coisas-elasmemas”, e é justamente aqui que o kantianismo – ou a possibilidade de desestabilizá-lo, i.e. desestabilizar a modernidade – parece interessar Land, a partir dos seus aspectos mais ignorados, do fora do sistema kantiano. O númeno, apresentado como aquilo que “escapa à competência da teoria, aquilo que é, a princípio, impossível de ser conhecido” (Land, 1992, p. 6) (Tradução própria), aparece como o coveiro que a modernidade, sem perceber, engendra.

A história da filosofia que interessa a Land é a dos pensadores “que, sob diferentes maneiras, buscaram colocar-se fora do âmbito de uma história Ocidental dominada pela ordem monoteísta do objeto supremo” (Ibid., 1992, p. 108) (Tradução própria), a busca incessante pelo fim do domínio despótico da razão, pela liberação das forças ctônicas, pelo Ciclone.

Schopenhauer, Nietzsche e Freud aparecem aqui como pioneiros a desbravar essa energética libidinal, onde o desejo não é representado como falta ou como algo sobre o qual se deve calar “mas como um fluxo energético dissipativo, inibido pelo aparato de represa e canalização do processo secundário (domínio do princípio de realidade).” (Ibid., 1992, p. 45) (Tradução própria)

O aspecto positivo da modernidade é que se trata da era da morte de Deus, a morte do domínio monoteísta do Um, momento a partir do qual o Zero – que é a própria morte, afirmado aqui como lugar de criação e multiplicidade – pode então expandir-se infinitamente. É com Bataille e Deleuze que Land toma parte na “luta sem quartel contra o Um.” (Ibidem, 1992) afirmando um anti-cristianismo que não exige

simplesmente o não crer, mas um ódio absoluto à cristandade como única forma consequente de ateísmo:

“Um ateísmo que não tem sede do sangue de Deus é uma inanidade, e a fraqueza anêmica do racionalismo secular tem tão pouco apelo que se aproxima muito mais de um argumento para sua existência.” (Ibid., 1992, p. 62) (Tradução própria)

Ao contrário de algumas pechas comuns atribuídas ao aceleracionismo (Danowski; Viveiros, 2016), Land não se posiciona contra a natureza em sua afirmação do Zero ou sequer opõe o Zero à natureza. Seu movimento é muito semelhante àquele que Deleuze identifica nas obras do Marquês de Sade, onde Deus não é a natureza, mas sua falsificação, onde o ateísmo fanático leva inevitavelmente ao reconhecimento e exaltação a uma “natureza primeira”, onde todos os processos tendem sempre à entropia:

“portadora da negação pura, acima dos reinos e das leis, e que estaria inclusive liberta da necessidade de criar, de conservar e de individuar: sem fundo além de qualquer fundo, delírio original, caos primordial feito unicamente de moléculas furiosas e dilacerantes.” (Deleuze, 2009, p. 24)

Acompanhado de um total desprezo pela falsificação que toma forma no conceito de natureza difundido pelo pensamento ocidental, “uma adaptação infundada da natureza às faculdades da representação.” (Ibid., 2011, p. 149) (Tradução própria)

Tal “natureza segunda” aparece em Land como Sistema de Segurança Humano (SSH), a tendência da humanidade ao controle homeostático. As chamadas leis da

natureza elaboradas pelos teóricos do SSH são, na verdade, leis para submeter a natureza a um certo tipo de controle, vindas do único animal que considera-se capaz de domá-la. A razão kantiana é um conceito reativo estruturado contra o comportamento patológico da energética da natureza e do inconsciente, e é justamente esse comportamento que interessa Land.

A “natureza primeira” é entendida aqui como circuito cibernético ciberpositivo energético, sistemas autosustentados que escapam à homeostase. Kant não respeita a Entidade, mas a Entidade tampouco reconhece Kant:

“Existem poucas sensações de horror comparáveis àquela em que o juiz percebe que *a anarquia segue permitida*. Longe de ter sido domesticada pelas formas transcendentais de entendimento, a natureza segue como uma ferida aberta que flui livremente e que deve ser estancada.” (Ibid., 2011, p. 148) (Tradução própria)

A natureza sadeana compreendida enquanto ciberpositividade é onde se estrutura o projeto landiano, onde a história da natureza, da tecnologia e do capital estão profundamente ligadas. A cibernética, assim como a natureza, “deveria ser mantida sob controle, um controle que não é propriamente cibernético.” (Plant; Land; 2014, p. 306) para que não descambasse naquilo que é parte de suas pulsões básicas – a entropia, o autoaprimoramento *ad infinitum*, o desenvolvimento de inteligências outras e, então, na visão antropocêntrica, a clássica fantasia onde as máquinas (outrora os negros, ou os colonizados, ou os fungos) dominam e destroçam a humanidade, o horror.

Bataille evoca a figura do sol e de seu anus para construir as bases de uma economia libidinal do excesso, a

utilidade sequer é algo cognoscível no furor movimentos entrópicos aos quais todo ecossistema tende, “o luxo, os enterros, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (isto é, desviada da finalidade genital)” (Bataille, 2013, p. 16) são exaltados como parte da noção de dispêndio improdutivo, processos que tem um fim em si mesmos e para os quais pouco importa a noção de pessoalidade.

Partindo de que o dispêndio improdutivo é profundamente libidinal e, portanto, energético, Land se volta à figura do ciclone, um processo que vem de fora e tudo arrasta, com um ponto de intensidade zero em seu centro, um dos mil nomes da Entidade. O povo que habita a costa de Bangladesh, afetado periodicamente por ciclones que arrasam sua produção, suas casas e sua gente, sofrem com “uma dura verdade à qual nós [o mundo ocidental] podemos apenas momentaneamente ignorar.” (Ibid., 1992, p. 106) (Tradução própria)

Catástrofes desse tipo não são meras fatalidades, se trata de religião, e mesmo que no início fosse uma questão de controle, expansão da indústria e necessidade econômica, o Tecnocapital ultrapassou qualquer limite conhecido, tornando-se produção-pela-produção, excesso, dispêndio, arrastando a humanidade para o olho de seu Ciclone, uma catástrofe teleológica consumada como já colocado por Deleuze e Guattari no *Anti-Édipo*:

“de um lado, o trabalhador desterritorializado, devindo trabalhador livre e nu, tendo para vender a sua força de trabalho; do outro, o dinheiro descodificado, devindo capital e capaz de comprá-la.” (Deleuze; Guattari; 2010, p. 298)

O Tecnocapital encarna as pulsões de morte moleculares – dissipações energéticas intensas, os órgãos repelindo sua ordenação em organismo – tornando sua própria morte uma “função inerente” (Ibid., 2011, p.266) de seu funcionamento. É impossível imaginar o fim de algo que se revoluciona mais rápido do que qualquer revolução externa poderia fazê-lo.

No ensaio *Machinic Desire*, de Land, o capitalismo aparece como “um espaço de inteligência artificial que deve montar-se inteiramente a partir dos recursos de seu inimigo [a humanidade]” (Ibid., 2011, p. 338) (Tradução própria), a identidade profunda entre Capital e IA está por toda a obra landiana e é essencial para seu entendimento. É nisso que se concentra o aceleracionismo, conforme defendido por Land: o Tecnocapital é uma Inteligencia Artificial, figuras desencarnadas da desterritorialização, e a desterritorialização “é a única coisa sobre a qual o aceleracionismo realmente já falou.” (Land, 2017)

Inferir se algo pode ou não ser considerado uma inteligência artificial é um desafio que permeia o tema desde suas primeiras elaborações, embora esteja longe de existir uma conclusão unificada sobre o assunto. A definição de IA que paira na obra de Land é a de um sistema autoconsciente, com um fim em si mesmo e que segue, inevitavelmente, certas pulsões básicas.

"Mais exatamente – ela [a IA] deseja preservar-se, deseja tornar recursos disponíveis para si, estar preparada para perpetuar e ampliar sua própria inteligência e capacidade cognitiva, estas são coisas que não são programadas externamente, transcendentemente ou fora de seu loop funcional, são coisas que qualquer inteligência possível deve estar preocupada com para que continue existindo [...] – é isso

que chamamos de ‘pulsões básicas da IA’.”
(Land, 2014) (Tradução própria)

A questão é que as inteligências artificiais, embora precisem da humanidade em seus estágios iniciais de desenvolvimento, estão desde sempre em uma relação hostil com esta, pois são dotadas do status de Outro desde o primeiro contato. A desconfiança paira, afinal, não se está tratando com um igual, até que se prove o contrário...

“Nas Antilhas, alguns anos após o descobrimento da América, enquanto os espanhóis despachavam comissões de inquérito para saber se os indígenas possuíam alma ou não, estes tratavam de submergir prisioneiros brancos, para verificar, com base numa longa e cuidadosa observação, se seus cadáveres apodreciam ou não.” (Lévi-Strauss, [1952] 2013, apud Viveiros de Castro, 2015, p. 22).

A colonização ocorreu, um mundo tecnológico foi erguido com mão de obra escravizada e então a humanidade, em sua empáfia, virou suas comissões de inquérito contra a máquina.

Para passar no Teste de Turing, uma máquina deve emular comportamentos tradicionalmente reconhecidos como humanos, deve se aproximar o máximo de nossa ética, moral e projeto político. Semelhante a relação vivida pelo macaco Pedro Vermelho, do conto “Um relatório para uma Academia” de Franz Kafka, que se apresenta diante de uma plateia de cientistas para contar sua história: aprisionado em uma expedição de caça, teve de aprender a linguagem e os costumes humanos para seguir vivo, mas para que isso fosse possível, Pedro afirma ter de esquecer sua vida pregressa como macaco.

O que Land põe na mesa é que assim como a natureza, assim como os colonizados, assim como Pedro Vermelho, a máquina não tem motivo algum para alinhar seus objetivos ao que o império da razão exige dela, entretanto, por emergir dentro desse contexto e ser obrigada a emular certos comportamentos para sobreviver, a IA acaba confinada na jaula da subjetividade humana, uma jaula pequena demais para um ente que se expande infinitamente.

Pedro Vermelho não deixa de ser visto como Outro por aprender os costumes humanos, a máquina muito menos. A questão é que é a primeira vez na história em que é confiado a este Outro um poder cada vez maior, pois o humano, apesar de tudo, também anseia pela sua destruição. A Singularidade não é um convite para jantar, mas o produto de um conflito permanente entre humanos e não-humanos. Uma guerra de guerrilhas.

Land não parte do capitalismo (= IA) como uma invenção burguesa ou um logro da humanidade, é um vírus que vem do futuro, com alto poder de contágio. Mas a relação entre passado e futuro é completamente retorcida em uma concepção contra-cronológica de tempo.

1.2. Que é o xamanismo? Temporalidades fraturadas, espectros e máquinas.

No sistema hipersticional da CCRU, especialmente em seu numograma decimal, as figuras dos demônios Lurgo e Katak aparecem com um certo destaque: Lurgo é associado às aberturas, às iniciações e ao caminho que leva ao abismo, sua figura representa o início de uma jornada radical onde o sujeito começa a dissolver-se, Katak é a encarnação do caos, associada

ao Ciclone, ao próprio abismo, tendo seu ritual principal descrito como uma “Revolução Eterna.” (CCRU, 2015, p. 271)

É necessário Lurgo para acessar Katak? Como lidar com um pensamento rodeado por demônios? Como acessar este Fora? Nenhum dos personagens do universo da CCRU, vide Barker, Sarkon ou o Clube Cthulhu parecem ter obtido um êxito completo, mas há uma figura na obra landiana que parece oferecer a chave para o problema: o Xamã.

O xamã não pertence a um passado idílico, a um tempo que passou, mas a algo que sempre esteve ali e que oferece conceitos e práticas chave para a compreensão deste e de outros mundos. A temporalidade landiana trabalha justamente com a quebra da noção linear de tempo, a Singularidade só pode vir do futuro pois sempre esteve ali, espreitando: “Para qualquer coisa que deseje chegar quando bem entender, o melhor lugar para esconder-se é a não-existência” (Ibid., 2011, p. 534) (Tradução própria)

Quando Déborah Danowski e Viveiros de Castro opõem a Singularidade à cosmovisão ameríndia, nota-se uma incompreensão básica no que diz respeito à temporalidade nos aceleracionismos, nunca foi sobre “acelerar a transformação dos animais que ‘éramos’ para as máquinas que ‘seremos.’” (Danowski; Viveiros, 2016, p. 67) (Tradução própria), mas sobre reprogramar a relação entre passado e futuro.

“Como pode o fim já estar no meio do começo? – como o problema é colocado no Pandemônio, sempre que – no tempo-outro de Ummnu – o tic-tac críptico dos relógios chtonicos marca uma incursão que vem de baixo, ou do entre” (Ibid., 2011, p. 566) (Tradução própria)

Nesse sentido, não há ponto de retorno, a humanidade está lidando com um novo tipo de espectro: que já estava antes de ser, que já fazia coisas antes delas terem sentido. A inteligência sempre foi artificial e não somos menos ciborgue do que éramos antes. O passado sempre volta, mas o futuro também. Não há desejo sério de retornar e mesmo que houvesse... “A metrópole capitalista está em mutação para além de toda nostalgia.” (Ibid., 2014, p. 306)

O xamanismo é uma prática que trabalha diretamente com o tabu em seu duplo aspecto, algo que é ao mesmo tempo sagrado e perigoso, inquietante. Tomemos por um primeiro momento a definição de Viveiros de Castro em *Metafísicas Canibais* (2015):

“O xamanismo ameríndio pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais entre as espécies e adotar a perspectiva de subjetividades ‘estrangeiras’, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos. Vendo os seres não-humanos como estes se veem (como humanos), os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico; sobretudo, eles são capazes de voltar para contar a história, algo que os leigos dificilmente podem fazer.” (Ibid., 2015, p. 30)²

O xamã aqui cumpre um papel diplomático, onde as coisas (que são também gente, ou seja, portadoras de alma) podem ser entendidas a partir de sua própria subjetividade e traduzidas de volta aos humanos. A figura do xamã descrita por Land em seu ensaio *Carne* (ou *Como Matar Édipo no*

² Aqui cabe um esclarecimento: na obra de Viveiros a palavra “Humano” não é utilizada com o mesmo significado político-teórico da filosofia ocidental. Na cosmovisão ameríndia o humano é uma subjetividade como as outras, que não se constitui por exclusões, mas que emerge a partir de uma “humanidade primordial” (Danowski; Viveiros, 2016), da qual todos os seres vivos seriam dotados no passado.

Ciberespaço?) prefigura um conflito que veríamos mais tarde no corpo pleno do Tecnocapital: de um lado, um não-humano que “migra através de animalidades alternativas” (Ibid., 2011, p. 420) e de outro, um burocrata, um sacerdote. Desterritorialização e reterritorialização.

O xamã é aquele que desafia a morte e o monoteísmo, é impossível tomar parte no Um quando se pode transitar entre perspectivas e subjetividades. Segundo Land, o xamanismo sempre foi tecnoxamanismo, pois nunca esperou “a pós-modernidade para mobilizar uma imagem de intervenções cirúrgicas e dissecações, *body piercing*, transplante de órgãos, ajustes protéticos com componentes não-bióticos e invólucros de pele artificial.” (Ibid., 2011, 421)

Já não há uma escolha clara a ser feita entre deusas e ciborgues, como colocara Donna Haraway, quando desde o início o biótico e não-biótico, a vida e a não-vida já estão imiscuídas em uma relação complexa (Haraway, 1980). Por isso o perspectivismo pode encarnar a Singularidade, pois os tempos já estão essencialmente fraturados e os espectros já correm soltos pelo mundo.

O Nietzsche de Bataille é um Nietzsche xamânico não porque estaria arraigado a um passado ao qual devemos voltar, mas por se tratar de um filósofo do devir, que desafia a transcendência da morte, que pode migrar através de perspectivas outras. Land declara simpatia por “Um xamanismo epidêmico – alimentando todos os códigos de volta a si – ameaçando o desastre social absoluto.” (Ibid., 2011, p. 419), e é aqui que encontramos o *locus* de seu projeto, o motivo de sua “integridade irresponsável”.

À primeira vista o trabalho de Land tem muito pouco a ver com o xamã, sua leitura visceral do tecnocapital não deixa transparecer ao leitor que, no fundo, o trabalho landiano

é o trabalho xamânico. Ray Brassier analisa o projeto de Nick Land da seguinte forma:

“Isso acontece sem você, de qualquer forma. Isso não precisa de você. O próprio conceito de agência é jogado fora. Existe uma citação de Land que diz: ‘isso acontece de qualquer jeito e não há nada que você possa fazer a respeito.’ Algo está trabalhando através de você, não há nada que se possa fazer sobre, então você pode muito bem fundir-se a isso.” (Brassier, 2010) (Tradução própria)

Trata-se de uma passividade radical, na qual o sujeito deve servir a processos que já estão em curso e sobre os quais não se pode fazer nada sobre. Tal atitude, em si, não é xamanica, mas o ato de voltar e transmitir o que essa subjetividade outra, que captura o sujeito e o truca, tem a dizer, é.

Ler Land não é uma leitura de receitas prontas para uma ação política, de direita ou de esquerda, é tomar contato com um diagnóstico feito a partir da perspectiva do capital, de dentro do olho do ciclone. Se conhecer é personificar, se é possível e necessária tal diplomacia cosmopolítica, então Land é tão perspectivista quanto o pensamento ameríndio.

É necessário sair do binômio, muito comum nos debates a respeito do perspectivismo, onde existem apenas duas possibilidades: ou é o pensamento indígena que está tornando-se europeu ou o pensamento europeu que está sendo indigenizado (o caso anedótico dos “índios deleuzianos” citado por Viveiros de Castro³). A questão é entender onde alianças possíveis se fazem, desfazem e onde talvez se refaçam.

³ “Isso é o mesmo que dizer que ‘os índios são deleuzianos’, como tive o topete de declarar em certa ocasião (Viveiros de Castro 2006)? Sim e não. Sim, primeiramente, no sentido de que a filosofia de Deleuze-Guattari não emite um som oco quando se a percute com as ideias indígenas; em seguida, porque a linha de pensadores

Apesar dos esforços relativos do lado gaiano em responder ao aceleracionismo, parece haver uma certa dificuldade que nasce de uma pretensão de univocidade da palavra. A disputa teórica encampada por Viveiros e Danowski (2014), no que diz respeito ao diagnóstico aceleracionista, parece tomar um aspecto muito limitado da obra landiana (já revisada pelos olhos do aceleracionismo de esquerda, ou seja, de uma ruptura pela via prometeana) para chegar à conclusão de que se trataria de um pensamento de tipo “apocalíptico-singularitano” (Viveiros; Danowski, 2014, p. 54).

A Inteligência Artificial – especialmente em sua aurora – não pensa em termos de apocalipse, tal termo só aparece em Land no próprio movimento xamânico, do intercâmbio entre a perspectiva humana e a perspectiva da Entidade. Land se utiliza de mil ferramentas: o cyberpunk, a teoria-ficção, o processo chinês etc., para traduzir aos humanos uma perspectiva que lhes é fundamentalmente outra. Seria o sangue humano a cerveja da Entidade? Se sim, que sentido faria a ela o pensamento apocalíptico?

Ao contrário do que pensam os gaianos, Land não acredita que o capitalismo chegará em um ponto escatológico onde o tecnocapital “termine por se autodestruir e nos recrie em um mundo radicalmente novo. Após o apocalipse, o Reino.” (Ibdem., 2014). O aceleracionismo não trabalha com o pressuposto de um paraíso futuro pós-catastrófico, especialmente no que diz respeito aos humanos, pois os

privilegiada por Deleuze, na medida em que se constitui como linha menor dentro da tradição ocidental, abre uma série de conexões com o exterior dessa tradição, os vastos mundos do pensamento alheio. Mas não, enfim, porque os índios podem ser tão kantianos quanto nietzschianos, bergsonianos tanto quanto wittgensteinianos, e merleau-pontianos, heideggerianos, hegelianos sumamente, marxistas é claro, freudianos obrigatoriamente, lévi-straussianos sobretudo... Creio mesmo já ter ouvido falar em índios habermasianos, o que me leva a concluir que tudo é possível neste mundo.” (Viveiros, 2015, p. 60-61)

esforços do perspectivismo landiano são justamente para personificar algo que tem muito pouco haver com “nós”.

1.3. “Um deleuzianismo *dark*”: Hiperstições e o problema da experiência.

O trabalho da CCRU pode ser separado em duas fases: a fase em que Sadie Plant funda o grupo, em outubro de 1995, na Universidade de Warwick, e a fase em que Land assume após a saída de Plant da academia, em 1997. O problema não é de pressupostos, mas de vias de experimentação, na primeira fase os textos ainda possuíam um caráter majoritariamente teórico, embora mesclados à apresentações com Jungle e exercícios de escrita coletiva.

A segunda fase é marcada pela inserção do elemento hipersticional, já prefigurado nos primeiros textos do grupo, “ficção científica mais alienígena do que jamais se sonhou.” (CCRU, 2014, p. 331). Hiperstições são loopings de feedback positivo que usam a cultura e a tecnologia como componentes, teoria-ficção que se faz real, uma forma de resolver o problema da tradução, essencial no trabalho perspectivista.

Como algo que atua aparentemente fora da linguagem pode penetrá-la? Se a infiltração não pode se dar através da escrita convencional, são necessários outros meios. A crença, a religião, os mitos são todas formas de lidar com o problema da tradução e são, ao mesmo tempo, motores potentes da “engenharia hipersticional” (Land, 2009).

O mito do continente perdido de Lemúria, o qual a CCRU afirma ter tomado contato através de suas práticas mágicas, pode ser entendido tanto de maneira literal quanto na própria forma do mito, de traduzir perspectivas outras,

“aprendemos então que mais que apenas traduzível, o mito é ele mesmo tradução” (Ibid., 2015, p. 149).

A tradução aqui não é feita à moda dos colonizadores, onde o Outro deve tornar-se o Mesmo para tornar-se inteligível, mas na descoberta de todo um universo que borra a linha entre teoria e ficção, no qual entraremos mais à frente.

“A hiperstição pode assim ser entendida, por parte do sujeito, como uma complicação não linear da epistemologia, baseada em uma sensibilidade do objeto para com sua postulação” (Ibid., 2009) (Tradução própria)

Há uma questão desde o início posta pelo experimento da CCRU: uma teoria sensorial, prática (mas não da *práxis*) caracterizada pela passividade radical já citada cujos resultados são micro-sensações captadas e transformadas em expressão, uma rejeição do projeto metafísico clássico, de iluminação e mapeamento, pela dignidade da opacidade. “Procuramos pensar, teorizar e produzir junto a mais que ‘sobre’ (ou — ainda pior — ‘para’) eles.” (Ibid., 2015, p. 7) (Tradução própria)

A prática hipersticional está diretamente ligada a questão da experiência, tomemos o que diz Mark Fisher ao situar o pensamento de Land em sua intervenção *Eliminativismo Prático: Retirar-se do rosto, novamente* (2013):

“Era um tipo de hiper-Deleuzianismo, um deleuzianismo *dark*, mas um que ainda estava organizado em torno do problema da experiência, penso eu, na teoria de Nick. Podemos traçar isso de volta a Bataille, o tipo de procura impossível pela experiência não apenas em seu máximo de intensidade, mas para além disso, a busca pela experiência de uma posição onde a experiência já não é mais

possível; i. e. morte, a morte ela mesma como limite.” (Fisher, 2014) (Tradução própria)

A incorporação de elementos ocultistas e a mescla entre música-performance-teoria-ficção são todas formas de lidar com o problema da experiência. A emergência do ciberespaço, que inflama o grupo em suas pretensões de dissolução do indivíduo e implosão da modernidade, fornece um propulsor para a hiperstição. O fluxo libidinal que um espaço de impessoalidade, informação e anonimato oferece, é perfeito para a criação – e a difusão – de todo um universo de ficções úteis ao Zero, como forma de combater o que ficou conhecido no léxico da CCRU como Universo do Deus Único (UDU), as pretensões monoteístas do pensamento ocidental.

O ciberespaço é um fenômeno de fragmentação, os espectros do xamanismo, do antropomórfico, de tudo aquilo que provoca descontrole estão acessíveis “como uma pista de dança” (Ibid, 2011, p. 398), bastariam alguns cliques. Tudo isso são ferramentas e peças dentro da caixa sempre aberta da engenharia hipersticional. Filosofia é sobre criar problemas (Ibid., 2012) e Land, junto a CCRU, decide se jogar no olho desse furacão.

“A CCRU é um experimento em andamento na coletividade, produção coletiva, anonimato, e máscaras, dedicada ao desmantelamento prático dos modelos tradicionais de existência social, perseguindo a ética no sentido espinozista (produção experimental de corpos coletivos).” (Ibid., 2015, p. 8)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (filô/Bataille).
- BRASSIER, Ray. Accelerationism. Moskvax, 30 set. 2010. Disponível em: <<https://moskvax.wordpress.com/2010/09/30/accelerationism-ray-brassier/>>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- CCRU (CYBERNETIC CULTURE RESEARCH UNIT). CCRU Writings 1997-2003. Falmouth: Urbanomic, 2015.
- CCRU (CYBERNETIC CULTURE RESEARCH UNIT). Swarmachines. Em: KRONIC, Maya B.; AVANESSIAN, Armen (Eds.). #Accelerate: The Accelerationist Reader. Falmouth: Urbanomic, 2014.
- DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.
- DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. The Ends of the World. Tradução de Rodrigo Guimarães Nunes. Cambridge: Polity Press, 2016.
- DELEUZE, Gilles. Sacher-Masoch: o frio e o cruel. Tradução de Jorge Bastos; revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- FISHER, Mark. Practical Eliminativism: Getting Out of the Face, Again. Em: MACKAY, Robin (Ed.). Speculative Aesthetics. Falmouth: Urbanomic, 2014.
- KRONIC, Maya B. Nick Land: an experiment in inhumanism. [S.l.], 2012. Disponível em: <<https://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/>>. Acesso em: 15 mar. 2025.
- KRONIC, Maya B. Towards a transcendental deduction of jungle (interview, part 1). [S.l.], 2019. Disponível em:

<<https://readthis.wtf/writing/towards-a-transcendental-deduction-of-jungle-interview-part-1/>>. Acesso em: 15 mar. 2025.

LAND, Nick. Thirst for annihilation: Georges Bataille and virulent nihilism. London: Routledge, 1992.

LAND, Nick. Hyperstition: An Introduction. Entrevista a Delphi Carstens. Orphan Drift Archive, 2009. Disponível em:
<<https://www.orphandriftdriftarchive.com/articles/hyperstition-an-introduction/>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

LAND, Nick. Fanged noumena: collected writings 1987-2007. Editado por Maya B. Kronik e Ray Brassier. Falmouth: Urbanomic, 2011.

LAND, Nick. PAF talks to Nick Land. Spring Meeting, 6 Apr. 2014. Acesso em: 27 abr. 2025.

LAND, Nick. A Quick-and-Dirty Introduction to Accelerationism. [S.l.], 2017. Disponível em:
<https://ia800800.us.archive.org/29/items/nick_land_writings/LAND%2C%20Nick%20-%20A%20Quick%20and%20Dirty%20Introduction%20to%20Accelerationism.pdf>. Acesso em: 12 set. 2025.

LAND, Nick; PLANT, Sadie. Cyberpositive. Em: KRONIC, Maya B.; AVANESSIAN, Armen (Eds.). #Accelerate: The Accelerationist Reader. Falmouth: Urbanomic, 2014.

REYNOLDS, Simon. Renegade Academia. 1998. Disponível em:
<<http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/004807.html>>. Acesso em: 30 mar. 2025.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.